



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS III
CENTRO HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/ INGLÊS**

LUAN DA SILVA SOARES

**O PECADO EM AMAR:
Uma análise indicial entre “*A Sereiazinha*” (1837) e “*The Lure*” (2015)**

**GUARABIRA
2018**

LUAN DA SILVA SOARES

O PECADO EM AMAR:

Uma análise indicial entre “A Sereiazinha” (1837) e “The Lure” (2015)

Monografia submetida ao Curso de Licenciatura Plena em Letras/ Inglês, da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento às exigências necessárias para a obtenção do grau de licenciado.

Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Profa. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos.

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S676p Soares, Luan da Silva.

O pecado em amar: [manuscrito] : uma análise indicial entre "A Sereiazinha" (1837) e "The Lure" (2015) / Luan da Silva Soares. - 2018.

38 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos , Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. A Sereiazinha. 2. Hans Christian Andersen. 3. The Lure.
4. Signos.

21. ed. CDD 801.95

LUAN DA SILVA SOARES

O PECADO EM AMAR:
Uma análise indicial entre “*A Sereiazinha*” (1837) e “*The Lure*” (2015)

Monografia submetida ao Curso de Licenciatura
Plena em Letras/ Inglês, da Universidade Estadual
da Paraíba – Campus III, em cumprimento às
exigências necessárias para a obtenção do grau de
licenciado.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 12/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Clara Vasconcelos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Rafael Francisco Braz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof. Esp. Karla Valéria Araújo Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a minha mãe Luzimar da Silva, por todo esforço e dedicação em minha criação, e a minha orientadora Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, que a tenho como uma irmã, pessoas que sempre estiveram ao meu lado me ensinando o caminho certo a seguir.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, por ter me guiado sempre, me fazendo nunca desistir dos meus sonhos na certeza de um amanhã melhor que o ontem e hoje;

À minha mãe Luzimar da Silva e aos meus irmãos Kaynan da Silva Soares e Grace Kelly da Silva Feliciano, por todo companheirismo nos bons e ruins momentos da minha vida;

Ao meu avô (*in memoriam*), por ter sido um verdadeiro pai, que embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força;

Aos professores do Curso de Licenciatura da UEPB, em especial, Eduardo Henrique Cirilo Valones, Leônidas José da Silva Jr, Marta Furtado da Costa, Sueli Meira Liebig, Wanilda Lacerda, Verônica Lima, Giovanna Barroca, Antônio Flávio, Aline Araújo, Luana Lima e todos os outros que aqui não foram citados, porém, sabem que estiveram e sempre estarão comigo em memória, a todos esses que contribuíram ao longo desses quatro anos, por meio das disciplinas, orientações, projetos, extensões e debates, para o meu desenvolvimento ao longo do curso;

Aos funcionários da UEPB, em especial Marcielly Félix, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário, e sua maneira ética e sempre atenciosa;

Aos colegas de classe Adenilma Vieira dos Santos, Amanda Freire, Elizete Alves de Moraes, Francilane Oliveira do Nascimento, Gabriela Alves Sousa Lopes, Julia Trevas, Priscilla da Silva Henrique Pereira e Yara Herminio Ferreira Pessoa, pelos momentos de amizade e apoio. E em especial aos meus amigos e colegas Bruna Sousa de Melo, Elina Ariane Ferreira Pessoa, Larissa de Lima Alves Barbosa e Marlyson dos Santos Moura e Silva, por cada momento de companheirismo e a cada história que vivemos juntos durante esses quatro anos, aos bons e ruins momentos que passamos sempre juntos;

A minha amiga e orientadora Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, por ter sido antes de professora uma irmã e me motivado sempre a escolher esse caminho das letras;

A Ilkmédson Moreira de Souza Moura, por ter se revelado um grande companheiro e amigo;

E a todos que um dia pecaram pelo simples gesto em acreditar no amor, a todos meu muito obrigado!

*“Lá longe, no mar alto, a água é de um azul tão
belo como as
folhas da mais linda centáurea e tão clara como o
vidro mais
puro; mas é também muito funda, tão funda que
nenhuma âncora consegue atingir o extremo da
sua profundidade. Seriam precisos muitos e muitos
campanários de igrejas, uns por cima dos outros,
para alcançar a superfície das águas, cá em cima.
Ali vivem os seres marinhos.”*

Hans Christian Andersen

RESUMO

Histórias sobre princesas, contos de fadas, o grande final feliz já enraizado na cabeça de muitos destoa e questiona sobre suas versões originais. “*A Sereiazinha*” (1837), de Hans Christian Andersen, que conta a história de uma jovem sereia que abre mão do seu mundo para viver um grande amor, é uma típica história que tantos a desconhecem, sendo ela a obra que inspirou tantas outras histórias sobre as sereias que podem encontrar nos dias atuais. Entretanto, a obra de Andersen difere das outras no seu tom, sendo ela um conto que traz consigo referências góticas que a impede de ser considerada um conto infantil. Por outro lado, a obra fílmica *The Lure* (2015), mostra a realidade vivida em “*A Sereiazinha*” com um olhar mais atual. Contudo, este trabalho tem como objetivo analisar a obra de Andersen (2012) traduzida para o português em comparação ao filme *The Lure* (2015), o qual traz consigo fortes semelhança ao clássico, mantendo o tom macabro e sarcástico, mostrando o quão atual a temática pode se mostrar, fazendo refletir sobre os signos deixados pelos autores. Com um aporte teórico que está de acordo com a obra de Andersen (2012), Smoczyńska (2015) e com os estudos sobre análise indexical de Bonetti (2007) e Ferraz Junior (2014).

Palavras-chave: A Sereiazinha. Hans Christian Andersen. The Lure. Signos.

ABSTRACT

Stories about princesses, fairy tales, the great happy ending already rooted in the minds of many, disagreements and questions about their original versions. Hans Christian Andersen's "*The Little Mermaid*" (1837), which tells the story of a young mermaid who gives up her world to live a great love, is a typical story that many people are unaware of, and it is the work that inspired so many others stories about the mermaids they may encounter these days. However, Andersen's work differs from others in its tone, being a tale that carries with it gothic references that prevents it from being considered a children's tale. On the other hand, the film work *The Lure* (2015), shows the reality lived in "*The Little Mermaid*" with a more current look. However, this work aims to analyze the work of Andersen (2012) translated into Portuguese in comparison to the film *The Lure* (2015), which brings with it strong resemblance to the classic, keeping the macabre and sarcastic tone, showing how current the thematic can be shown, making reflect on the signs left by the authors. With a theoretical contribution that is in agreement with the work of Andersen (2012), Smoczyńska (2015) and with the studies on indexical analysis of Bonetti (2007) and Ferraz Junior (2014).

Keywords: The Little Mermaid. Hans Christian Andersen. The Lure. Signs.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Hans Christian Andersen conta suas histórias.....	17
Figura 2 –	Mar e Terra.....	17
Figura 3 –	<i>Corki Dancingu</i>	18
Figura 4 –	Elementos da semiótica.....	23
Figura 5 –	A Hora do <i>lunch</i>	26
Figura 6 –	Emergiu.....	27
Figura 7 –	A Atração.....	28
Figura 8 –	A Bruxa do Mar.....	29
Figura 9 e 10 –	A Perdição.....	30
Figura 11 –	Minhas novas... como se chama? Ah, pernas!.....	31
Figura 12 e 13 –	Operação.....	31
Figura 14 –	10 Facadas.....	32
Figura 15 e 16 –	Espumas do Mar.....	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela das Tricotomias Peirceanas.....	22
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A[MAR], AMOR E A[MORTE]: SE AFOGANDO NA PAIXÃO.....	15
3	DA ADAPTAÇÃO (DO MAR) A SEMIÓTICA (A TERRA): UM POUCO DOS DOIS MUNDOS.....	20
4	ATÉ ONDE VALE O SACRIFÍCIO POR QUEM AMAMOS?.....	25
5	CONCLUSÃO.....	35
	REFERÊNCIAS.....	37
	FILMOGRAFIA.....	38

1 INTRODUÇÃO

Entre tantos “era uma vez...” no início dos contos de fadas, a história da famosa sereia que ganhou o mundo começa de uma forma um tanto que diferente, pois não tem o seu “era uma vez” e tampouco o grande e esperado final feliz, sem falar que a história de conto infantil, ao que dizem boatos espalhados por diferentes fontes, é que de infantil ela não tenha nada.

Falar de um ser mitológico que em milhares de anos a humanidade ainda não pode afirmar com certeza sua real existência, é um tanto quanto difícil. Portanto, como referenciar? Como exemplificar suas peculiaridades sem de fato o conhecer.

De acordo com Lucas (2015) uma publicação que reúne relatos sobre casos curiosos em seu blog *Logias Ocultas*, fala sobre a famosa sereia do Circo dos Horrores, que posteriormente seria levada para um museu de horrores. Entretanto, quando a mesma seria inaugurada, o museu foi misteriosamente incendiado. Hans Christian Andersen (1805-1875) – dinamarquês, famoso por contos como “*A Sereiazinha*” (1837), “*A Roupa Nova do Rei*” (1837), “*O Soldadinho de Chumbo*” (1838), “*O Patinho Feio*” (1843), entre outros – relatou ter visto uma sereia de verdade em uma das suas andanças, onde posteriormente esse encontro se tornou inspiração para uma de suas mais famosas obras, “*A Sereiazinha*”, que logo ganhou o mundo e até os dias atuais se podem encontrar obras que se baseiam no grande clássico de Andersen.

Atualmente, a série “*Siren*” é exibida no canal pago FreeForm. Curiosamente a série busca manter detalhes de características físicas e comportamentos que são semelhantes aos relatos de como seria uma sereia real, sem toda aquela fantasia já implantada na cabeça das pessoas a respeito dessas belas criaturas.

Entre esta e tantas outras obras sobre as famosas sereias, foi Hans Christian Andersen o grande propulsor desta acima e muitas outras, e é sobre ela que este trabalho pretende falar. Magníficas criaturas, suas origens nas mais famosas obras literárias, da obra original às adaptações, desde o visível e palpável até aquilo que não se pode enxergar podendo apenas sentir.

Com um aporte teórico que está de acordo com os estudos sobre análise linguística e intertextual de Marco Antonio Bonetti e Expedito Ferraz Junior, este trabalho tem como objetivo fazer uma breve explanação sobre a vida de Hans Christian Andersen e Agnieszka Smoczyńska, autores de “*A Sereiazinha*” (1837) e “*The Lure*” (2015), respectivamente, obras as quais pretendemos analisar pelo viés da semiótica segundo os estudos de Peirce (1999), Ferraz Júnior (2014) e Rodrigues (2013) sobre *índice*.

Posteriormente, as obras, advindas do meio literário e audiovisual, buscando por semelhanças deixadas pelo autor que une uma para com a outra, trazendo imagens do filme e passagens do livro para melhor observar as semelhanças entre si. Por fim, as conclusões finais sobre as discussões aqui mostradas.

2 A[MAR], AMOR E A[MORTE]: SE AFOGANDO NA PAIXÃO

O amor¹, aquele sentimento que move grande parte do mundo, aqueles que acreditam enquanto outros já estão descrentes. Como algo que não pode ser visto a olho nu, tocado e apalpadado com as próprias mãos pode ser motivo para tantas questões e respostas no planeta? As maiores obras literárias, os grandes vencedores do *Oscar*, até mesmo o sacrifício de *Jesus Cristo* na cruz, entre outros, todos esses acontecimentos e feitos estão ligados por uma única palavra que você não sabe se existe fisicamente, mas dizem que existe, que você nunca tocou, mas sentiu, que pode ser uma grande mentira ou uma bela de uma jogada de *marketing* no mercado, mas que colou.

Por outro lado, encontramos como um dos grandes pontos desse trabalho algo que já é mais visível, porém quase inacessível, muitos podem enxergar, porém poucos tocar. A grande imensidão e os mistérios do mar, no que diz respeito ao seu mais imenso e profundo imerso de lugares inabitáveis, ou mesmo que exista controversas. Podemos usar este mar como uma metáfora ao amor: você desconhece suas formas de vida, sabe que existe, entretanto nunca o visitou, se encanta pelas belezas que ele pode lhe oferecer e ao mesmo tempo quanto mais se aventurar, o próprio mar (leia-se [a]mar) pode acabar com a sua vida, o sufocando cada vez mais até perder a consciência e falecer.

Dois modelos, dois exemplos, um físico e o outro não, embora tão parecidos mesmo que metaforicamente. Agora tente imaginar se os dois fossem um só? Se ambos tão fortes se unissem para um único propósito, fazer você enxergar aquilo que não pode enxergar, e você sentir aquilo que não pode tocar, onde um complementaria o outro. É aí que começa uma de tantas, literalmente, uma profunda leitura a todos os leitores deste.

“*A Sereiazinha*” (1837), é uma obra original de Hans Christian Andersen escreveu seus próprios contos infantis. Entretanto não os registravam por meio de tradição popular, eles os criou, sendo um dos primeiros autores a escrever contos originais². Nasceu no dia 2 de abril de 1805, em Odense, Dinamarca.

Andersen era filho de um sapateiro que, após conflitos nas guerras napoleônicas, levou seu pai a morte, o deixando órfão de pai com seus 11 anos de idade. Andersen sempre amou o teatro e desde cedo começou a escrever suas próprias obras. Destacamos “*A Sereiazinha*”, obra que inspirou

¹ Definição de “amor” segundo o dicionário. 1. forte afeição por outra pessoa, nascida de laços de consanguinidade ou de relações sociais. 2. atração baseada no desejo sexual. Disponível em <<https://www.google.com.br/search?client=opera&q=amor&sourceid=opera&ie=UTF-8&oe=UTF-8>> Acesso em: 16. Jun. de 2018.

² Refere-se que o autor não se baseava em ditados populares para criar suas obras, ele mesmo as criava de sua imaginação e andanças. Sendo assim, seus personagens considerados originais e únicos, posteriormente se tornando famosos e conhecidos popularmente.

inúmeros escritores que ao redor do mundo fizeram suas respectivas versões desse grande clássico que até hoje encanta gerações. Uma das mais famosas é a grande obra de John Musker e Howard Ashman “A Pequena Sereia” (1989) dos estúdios de *Walt Disney*, a adaptação segue em algumas partes do seu enredo similar à obra original. Entretanto, nessa versão ela passa a ser de cunho infantil sofrendo boa parte da história alterada para poder atingir o novo público. Durante o passar dos anos os contos de Andersen se popularizou chegando a ser tratado como folclore, passando entre gerações e refletindo sobre a vida, tal como as fábulas sempre deixando uma lição moral, e nesse passar de pai para filho suas histórias foram sofrendo alterações, chegando a ser aquela história que a mãe conta para o filho antes de dormir ou a velha lição de moral para tentar impor limites. O fato é que com o passar desses anos, chegou-se a versões tais quais se conhece nos dias de hoje, como a que acabara de ser citada, onde a sereiazinha ganha o nome de Ariel e já vive se aventurando na superfície, e em uma de suas aventuras ela se encanta pelo príncipe Erik e é nesse momento que a sua história ganha vida, pois em uma busca pelo desejo de ter pernas, Ariel troca a própria voz em um acordo com a bruxa do mar, sacrificando tudo aquilo que ela tinha de mais precioso e abrindo mão de tudo e todos na vida no mar, por amor.

Devido ao grande sucesso do filme, os estúdios da Disney também produziram a série homônima de “A Pequena Sereia”, e em 1993, no episódio oito da segunda temporada intitulado “O Peixe de Metal”, no Brasil, se faz uma homenagem a Andersen, transformando-o em um personagem especial, onde narra uma história fictícia de como se deu o seu primeiro contato com a sereia que o inspirou a escrever sua respectiva obra. Pode-se observar essa representação a seguir:



Figura 1: Hans Christian Andersen conta suas histórias

Fonte: Arquivo pessoal

A Pequena Sereia da Disney rendeu três filmes, sendo eles: *A Pequena Sereia*, já citado anteriormente; *A Pequena Sereia II - O Retorno Para O Mar* (2000), que conta a história da filha de Ariel que nasceu humana e tem uma inversão de valores, onde agora sua filha tem o desejo de ser sereia, diferentemente da mãe que sonhava em se tornar humana. Cena do filme abaixo:



Figura 2: Mar e Terra

Fonte: Arquivo pessoal

E *A Pequena Sereia - A História De Ariel* (2008), esse último faz uma volta ao passado, antes mesmo do primeiro filme contando as origens de Ariel no fundo do mar. Além dos filmes, a obra rendeu uma série animada de televisão, já citada anteriormente, que teve em seu total três temporadas, e musicais ao redor do mundo.

A história de amor contada por Andersen inspirou muitas outras obras que seguem com a mesma temática, a típica história da sereia que se apaixona por um humano e vive seus dilemas e conflitos pessoais, entre elas destacamos *Aquamarine* (2006), *Splash - Uma Sereia Em Minha Vida* (1984), *The Lure* (2015), entre tantas outras.

Independente de qual seja o tom da história, ela serviu de inspiração para muitos escritos ao longo dos séculos. Como foco deste trabalho será destacado a obra *The Lure*, onde passar-se-á a ser analisada, por se tratar da obra que mais se assemelha ao enredo original e em sua trama ter deixado grandes referencias, até admitidas pela autora terem sido baseadas no conto de Andersen.



Figura 3: *Corki Dancingu*

Fonte: Arquivo pessoal

The Lure, merece uma atenção mais que especial, sendo esta a obra que retrata de forma mais similar possível o conto de Andersen, boa parte em torno com a obra traduzida (que já sofre algumas percas no elemento “terror”, onde será mais aprofundado sobre posteriormente), e uma grande parcela de acordo aos relatos de diferentes veículos na internet sobre o conto popular da mesma obra. Trata-se de um filme musical com um toque de terror, tal qual a obra original (“*A Sereiazinha*”) em que ela se baseia. Este é um filme polonês dirigido por Agnieszka Smoczyńska, 2015, o qual conta a história de duas sereias, Golden e Silver, em uma boate na década de 80, onde a segunda logo se apaixona por um músico e busca todas as formas possíveis para se tornar humana e viver ao lado do seu amado. Um roteiro coeso que mostra um tom bastante similar a obra de Andersen, com

um toque de romance, e de uma forma bastante digna reproduzindo todo o horror que a sereiazinha passou até o seu grande e trágico final.

Assim como na obra de Andersen, em *The Lure* trava-se uma batalha pelo amor, podendo ser perceptível o grande elemento que muitos escritores se utilizaram e continuam a usar para ter uma obra de sucesso. O fato de tratar a mulher como um objeto que busca e faz de tudo, até os mais impossíveis sacrifícios pela pessoa amada, para ser correspondida. Entretanto, como poder-se-á ver na história, muitas vezes em vão. Na obra original a sereiazinha foi até o mais profundo do oceano atrás da Bruxa do Mar para que ela realizasse o seu desejo de se tornar humana e poder estar junto do seu amado, mas o valor foi alto, ela teve que abri mão de tudo aquilo que ela possuía, sua voz.

Mas também a mim terás de pagar-me por este serviço – prosseguiu a bruxa –, e não é pouco o que te peço. Possuis a voz mais bela de todas nós aqui no fundo do mar; e pensas vir a encantar o príncipe com ela, mas essa linda voz terás tu de dar-me. (ANDERSEN, 2012, p. 187)

Como conquistar então alguém sem poder falar aquilo que se sente? Na versão da *Disney*, a Bruxa do Mar ainda brinca com isso na canção “Pobre Corações Infelizes”, onde ela diz que a linguagem corporal fala muito mais por uma mulher do que sua voz.

(Úrsula) “Eu não cobro muito. Vai lhe custar uma ninharia. O que eu quero de você é [...] Sua voz.” (Ariel) “Mas sem minha voz, como posso [...]?” (Úrsula) “Terá sua aparência. Seu belo rosto. E não subestime a importância da: Linguagem do corpo!” (DISNEY, 1989).

Em tantas outras obras audiovisuais que se inspiram em contos clássicos, podemos observar essa relação de entrega e sacrifício feita pelas mulheres em seus enredos. Toda a trama relata grandes feitos, que no final das contas resultam em sempre ser desenrolados por um final feliz ao lado do príncipe amado. A Branca de Neve foi perseguida e quase morta apenas por ser bela, a mais bela de todo o reino, mas bastou apenas um beijo de amor verdadeiro, amor esse que veio de um príncipe que mal aparece no longa, mas ainda assim tudo resulta no macho alfa salvando sua vida, mesmo depois de tudo o que ela passou.

Cinderela é outra que sofre nas mãos de sua madrasta, mas que só encontra o seu final feliz ao lado do príncipe que nem sonhava quem era aquela garota, mas que depois da ajuda da fada madrinha e muito esforço ela consegue ter o seu tão sonhado momento com o seu grande amor. Vale destacar aqui a história da Bela Adormecida, que diferente das outras o príncipe realmente tem um grande papel na trama, onde ele luta e vai atrás da sua amada, salvando-a do sono profundo. Entretanto, por mais uma vez o final resulta no amado príncipe e sua bela dama, representando o

amor cortês. Todas essas obras citadas são referentes às narrativas dos estúdios da Disney, que são um pouco diferentes e muito mais romantizadas que suas respectivas obras originais.

A fórmula do sucesso, uma mulher que sofre para ter o amor de um homem, que faz tantos sacrifícios até em deixar toda a sua família, o seu mundo, levando até a sua morte. Em “*A Sereiazinha*” a sereia sofre uma grande perda para ter seu par de pernas; ela deixa de lado sua voz além de correr o risco de se tornar espumas do mar caso o príncipe não lhe dê o beijo de amor verdadeiro até o pôr do sol. Ao ganhar pernas, cada passo seu é sentido arduamente como se estivesse levando dez facadas, e sem voz para expressar sua dor, suportando-a. Em *The Lure* pode-se observar quão magnificamente foi possível trazer e exemplificar de uma forma que misture, sendo uma vez cômico, outra dramático, musicalizado, sensual, e/ou horrendo. O filme dá uma roupagem totalmente atual para aquilo que Hans pretendia mostrar em sua obra e quebra de uma vez por todas com aquela ideia de conto de fadas infantil já enraizada na cabeça de todos.

3 DA ADAPTAÇÃO (DO MAR) A SEMIÓTICA (A TERRA): UM POUCO DOS DOIS MUNDOS

Ao adaptar uma obra literária para o cinema, por exemplo, o autor busca dar a sua visão daquilo que estava escrito para o meio audiovisual, vários fatores podem influenciar nesse processo, seu meio social, a era em que ele está vivendo, costumes e hábitos etc. Nesse momento, algumas pessoas chegam à conclusão de que determinado autor não soube converter um livro em um filme, por exemplo.

Esquece-se, ou meramente desconhece-se que cada pessoa é singular e possui sua própria visão do mesmo texto, o que para um faz sentido para outro pode-se não fazer tanto, esse é um dos poderes da literatura, ressignar diferentes interpretações da mesma narrativa. Através da tradução destes signos verbais para o audiovisual, pode-se fazer possível recriar em uma nova visão, em um novo meio, aquilo que estava nas entrelinhas, nas palavras do texto passa a ganhar imagem e cor na mente dos leitores.

Observa-se, assim, que todas as vezes que um intérprete produz um interpretante sobre determinada obra, cada interpretação feita, cada ação sónica/semiose gerará novos signos infinitamente. Quando se trata da relação entre textos de diferentes linguagens, tais como a transposição do signo verbal para o audiovisual, o primeiro texto passará por uma transmutação para se adequar à nova linguagem. Entretanto, essa ação sónica ocorre a todo momento, mesmo que o intérprete não se dê conta disso. A todo momento novos signos são formados e essa relação sónica ocorre *ad infinitum*. Como o próprio Charles Sanders Peirce outrora afirmou, tudo é signo, o homem é um signo. Destarte, tudo o que o homem produz são signos.

Sobre isso a semiótica explica. De acordo com Winfried Nöth (1995), o nome semiótica origina-se do grego (*semeion* = *signo*), sendo ela considerada um campo de estudo não tão recente que já perpassou por grandes nomes como Platão e Aristóteles, entre outros, até chegar em nomes atuais como Ferdinand Saussure e Charles Sanders Peirce. Entretanto, há uma diferença substancial entre as obras desses pensadores.

Embora sejam contemporâneos, a teoria estrutural de Saussure se fundamenta na relação diádica entre significado e significante. Por sua vez, a teoria de Peirce é triádica e se organiza em três categorias Universais o Ceno-Pitagóricas³ que se constitui na relação entre objeto-

³ Esta lista de categorias pode ser distinguida de outras listas como sendo as *Categorias Ceno-Pitagóricas* em virtude de sua conexão com os números. Concordam, substancialmente, com os três momentos de Hegel. (PEIRCE, 2003, p. 23, grifo do autor)

representâmen-interpretante. Por sua vez, essas categorias se subdividem em outras e assim sucessivamente como se pode observar abaixo:

TRICOTOMIAS PEIRCIANAS			
CATEGORIAS	SIGNO EM SI	SIGNO – OBJETO	SIGNO – INTERPRETANTE
<i>Primeiridade</i>	<i>Qualissigno</i>	<i>Ícone</i>	<i>Rema</i>
	É a qualidade do signo, pura e imediata.	Possui um caráter de expressão por meio do uso de imagens, sendo empregado para representar um elemento que lhe seja análogo.	Representação de um objeto, uma palavra, por exemplo, sem nada certificar, mas que é um signo.
<i>Secundidade</i>	<i>Sinssigno</i>	<i>Índice</i>	<i>Dicissigno</i>
	Resultado particularizado do qualissigno.	Há uma interdependência com o elemento extrínseco.	Fornece informações simples sobre o objeto.
<i>Terceiridade</i>	<i>Legissigno</i>	<i>Simbolo</i>	<i>Argumento</i>
	Interpretação do signo mediada por convenções.	Estabelece uma relação com determinado objeto, figurando como símbolo com base em uma ou convenção.	Raciocínio estruturado por meio de premissas e conclusão obtida a partir de inferências das próprias premissas relacionadas ao objeto.

Tabela 1: Tabela das Tricotomias Peirceanas

Fonte: Vasconcelos (2016, p. 55)

Certos tipos de referências são muito encontrados em diferentes meios. Seja uma simples palavra, por exemplo, com diferentes significados, como na palavra “manga” que pode remeter a uma fruta ou uma parte da camisa, ou até mesmo em grandes obras da literatura, do cinema, entre outros.

Essa relação em que uma palavra remete a um objeto e posteriormente traz o seu significado é brilhantemente explicado por Ferraz Junior (2014, p. 11) em seu trabalho *Semiótica Aplicada à Linguagem Literária*, onde “[...] chamaremos de signo tudo aquilo utilizamos para representar algo, enquanto o termo objeto será usado para designar aquilo a que os signos se referem.”. Como citado anteriormente, pode-se concluir que a palavra “manga” é o signo que subsequentemente remete ao objeto, que por sua vez no final chega à conclusão do *representante*, diferenciando a qual das “mangas” ele se refere naquele determinado momento.

Em uma obra literária, por exemplo, o conto da Cinderela, a adaptação da Disney de 1950, quando fala esse nome logo se pensa na jovem pobre que perdeu o seu pai e sofreu nas mãos da sua madrasta, até ter o seu final feliz ao lado do Príncipe. Se uma pessoa for nomeada de Cinderela, logo terá a conclusão que aquela pessoa teve semelhanças em sua vida que remeta a personagem, quando se diz, por exemplo, que uma pessoa é a “gata borralheira”, se dá significado aos signos.

Aprendemos a distinguir os tipos de representação para melhor conhecer suas especificidades, mas também para investigar as correlações possíveis entre eles. Aplicada ao estudo das formas artísticas, essa atitude deve facilitar, por exemplo, a exploração de analogias entre aquilo que um escritor faz com as palavras e o que produz um pintor com traços e cores, ou um compositor com ritmos, timbres e melodias – pois, mais do que comparar essas linguagens, a semiótica permite examiná-las a partir de uma base conceitual comum. (FERRAZ JUNIOR, 2014, pág. 13)

Segundo Rodrigues (2013), complementando o pensamento de Ferraz Junior, no seu trabalho “*Signos/ Semiótica: símbolo, índice e ícone*” ela diz que:

Signos: representação de algo a que atribuímos valor, significado ou sentido; Sentido é a compreensão de algo, formada através de um estímulo físico que gera entendimento, acontece unicamente através da relação construída entre o “eu” e o “outro/algo”; Sempre que há atribuição de sentido, há a formação de um signo. Todo signo constitui-se de duas faces: o aspecto sensorial, chamado de significante; e o aspecto compreensível, conhecido como significado. A harmonia entre a percepção e o entendimento, significante e significado, resultam na significação. (RODRIGUES, 2013, p. 2)

Sobre os signos considerados não-verbais, Rodrigues ressalta sobre a forma que os estudiosos buscam em agrupar estes elementos em tipos característicos de acordo com a forma como cada um deles funcionam, que segundo o modelo de Peirce, o considerado mais utilizado, são os signos: ícones, símbolos e os índices, tendo foco este último para produção desse trabalho. O índice, segundo Rodrigues “*estabelece uma associação de uma coisa a outra através da experiência adquirida*”, (2013, p. 6).

Essa associação a qual a autora se refere corresponde ao modo de representação característico do índice, haja vista que este ocorre de forma a referenciar o seu objeto. Seja esse objeto dinâmico ou imediato. Vejamos:

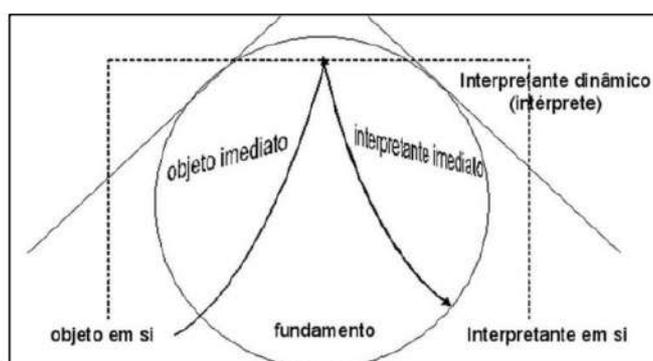


Figura 4: Elementos da semiótica
Fonte: *O que é Semiótica*, de Lúcia Santaella (2005, p. 12).

Sendo assim, o representâmen simboliza o objeto dinâmico, o qual é diretamente afetado pelo objeto imediato, que é aquele que está inserido no próprio signo e é interpretado pelas faculdades mentais do intérprete. Nessa relação de representação indicial, tem-se o conto “*A Sereiazinha*” como objeto dinâmico que tem como índice o filme *The Lure*.

Dessa maneira, a forma com o índice se constitui é diferente dos outros elementos da segunda tricotomia peirceana, pois a sua existência depende diretamente de objeto. Ele possui uma relação de representação factual, pois apresenta indícios da existência de seu objeto, ou seja, daquilo que representa. Consoante Expedito Ferraz Júnior (2012, p. 24), “Indiciar é fornecer sinais (indícios) da ocorrência de algo”. Destarte, para que a obra *The Lure* exista é necessário que uma obra anterior já tenha sido produzida, nesse caso “*A Sereiazinha*”.

Na obra em questão, “*A Sereiazinha*”, ganhou inúmeras versões as quais se baseiam em suas narrativas, tantas outras seguem novos rumos, entretanto deixam signos que fazem o leitor pensar na obra de Andersen, uma vez que o mesmo a conheça. O filme *The Lure* (2015), por exemplo, segue uma narrativa totalmente diferente da obra de Andersen; contudo, o mesmo possui inúmeros signos os quais remetem as passagens do clássico da pequena sereia deixando cada vez mais intrigante a busca em estabelecer essa relação entre ambas as obras.

4 ATÉ ONDE VALE O SACRIFÍCIO POR QUEM AMAMOS?

Até onde vale o sacrifício por quem amamos? O que faz uma pessoa abdicar da sua própria vida para que outra (antes uma completa estranha em sua vida) possa viver feliz, sem a presença daquele que largou tudo, que mudou o seu mundo pela pessoa amada? Seria o amor uma doença que ainda não foi diagnosticada?

Tantas perguntas para poucas respostas científicas; ficar no ditado, no “boca a boca”, assim como Andersen passou durante algum tempo, este fato e outros serão discutidos ao longo deste trabalho. Como já havia sido citado anteriormente, Andersen criou suas próprias histórias e saiu contando mundo a fora; ao longo dos anos suas narrativas se eternizaram e hoje são conhecidas, entre outros, através dos grandes contos clássicos da Disney.

A história da sereia que largou o mundo submarino, a vida de princesa atrás do grande amor vai além, muito mais além daquilo que lhe foram contados. Na obra de Andersen a jovem sereia abre mão da vida de princesa para ir atrás do príncipe, o seu grande amor. Entretanto ela encontra alguns obstáculos os quais ela tem que vencer; fazendo um trato demoníaco com a Bruxa do Mar, a sereiazinha não perde simplesmente a sua voz, sua língua é cortada, *“Então, já perdeste a coragem? Anda, põe a língua de fora para que a possa cortar, em paga da milagrosa poção que te vou preparar!”* (2012, p. 187), e sua calda não se torna um lindo par de pernas tão facilmente, pois para esse sacrifício, a cada passo a sereia sente como se pisasse em cacos de vidros, sente a dor de facadas em suas pernas e a sensação de uma espada trespassando o seu corpo.

Vou preparar-te uma poção, que levarás para terra antes do nascer do Sol e que, sentada numa praia, deverás beber. A tua cauda separar-se-á do corpo e contrair-se-á naquilo que os homens denominam umas pernas encantadoras, mas isso produzir-te-á dores horríveis, como se te trespassasse uma espada aguçada. (ANDERSEN, 2012, p. 186)

Além de que, como já haviam lhe contado, no clássico da Disney Ariel (a sereia sem um nome em específico no conto de Andersen) precisa ter o beijo do seu amado antes do pôr do sol do terceiro dia, caso contrário ela se tornará uma flor no jardim da malvada Úrsula. Diferentemente da obra original, a sereiazinha se tornará espumas do mar, morrerá caso não tenha êxito em ter o amor do príncipe. Porém, se ela o matar, poderá permanecer sereia. Pode-se dizer que uma história dessas não seria contada antes de dormir para uma criancinha.

Diferentemente da história que todos conhecem sobre a sereiazinha ruiva Ariel, na obra original, o pai da sereia tem pouca importância na história, e é muito diferente daquilo que foi

mostrado no clássico imortalizado pelos estúdios Disney, na pele do rei Tritão. O Rei dos mares pouco aparece na narrativa, dando vez para a avó das sereias fazer o papel de mãe e cuidar delas da melhor forma possível, coube a avó das sereias contar as histórias dos seres humanos, preparar o rito de passagem para a visita as terras firmes.

Nada era mais grato à princesa do que ouvir falar do mundo dos homens lá em cima; e a velha avó tivera de contar-lhe tudo o que sabia sobre os navios e as cidades, os homens e os animais, parecendo-lhe sobretudo digno de admiração que, lá em cima, na terra, as flores tivessem aroma – o que não sucedia no fundo do mar –, que os bosques fossem verdes e que os peixes, movendo-se de ramo em ramo, possuissem uma voz sonora e bela, sendo um prazer ouvi-los. (ANDERSEN, 2012, p. 173)

Em *The Lure* não foi diferente, entretanto, sem deixar a entender qual o grau de parentesco, a sereia ruiva, como mostra a foto abaixo, se revela parente das jovens sereias, uma vez que ela veio antes a terra para conhecer o mundo e abrir caminho para Golden e Silver.



Figura 5: A Hora do *lunch*

Fonte: Arquivo pessoal

A imagem a seguir, mostra a primeira vez que as irmãs emergiram e, nesse exato momento, a sereia se encanta por um rapaz que cantava e dançava a beira mar.



Figura 6: Emergiu
Fonte: Arquivo pessoal

Uma das cenas mais fortes, pois na maioria das obras, é esta a cena que mais resigna a mensagem do amor, o amor arrebatador mostrado à primeira vista.

Não devia ter mais de dezesseis anos e naquele dia festejava-se, com toda a pompa, o seu aniversário. Os marinheiros dançavam alegremente na coberta e quando o príncipe saiu estalaram no céu centenas de foguetes que iluminaram tudo à volta como se fosse dia claro, de tal modo que a sereiazinha se assustou terrivelmente, logo mergulhando a esconder-se no fundo do mar. (ANDERSEN, 2012, p. 178)

Em muitas histórias sempre é tida a mulher como responsável por sua felicidade, o que cai em contradição uma vez que a mesma depende de muito esforço e está ligada a outras pessoas. No momento que a sereia vê o rapaz ela busca de toda a forma o satisfazer para ter o seu amor. Desde abdicar do seu mundo, da sua família, até o que para ela era considerado o seu bem mais valioso, sua voz. A partir desse compartilhamento de elementos em que o enredo da série *The Lure* faz com que remetamos a nossa interpretação sobre a mesma aos contos de Andersen, pode-se observar que a existência da segunda narrativa depende diretamente da primeira. Ou seja, existe uma relação de dependência factual entre uma obra e outro nesse diálogo entre os signos que, de acordo com Santaella (2008, p. 131), pode-se compreender da seguinte forma:

O índice possui dois elementos: um deles serve como substituto para o objeto, o outro constituir um ícone que representa o próprio signo como qualidade do objeto. Assim, uma pegada, por exemplo, na sua aparência qualitativa, é uma imagem de um pé. Não é esse ícone, mesmo que, nesse caso, ele seja substancial, que faz esse signo agir como índice, mas o fato de haver uma conexão dinâmica, factual, existencial entre o pé e o traço (imagem) por ele deixado.

E este olhar da sereia vai além do que é o simples amor, ele perpassa desde aquele momento em que se para um segundo e imagina um filme da própria vida, onde para ela, apenas na dependência dele era seria feliz. Ainda deixa em branco algumas lacunas, tais quais, faz uma princesa não ter ninguém a sua altura no meio de todo o seu reino e só em outro mundo encontrar quem a possa fazer feliz. Além do fato dele ser um total desconhecido até então, a jovem princesa transferiu nele anos de desejo em conhecer a superfície, a paixão pelos seres desconhecidos, colocando todos esses sentimentos (leia-se signos) no rapaz, onde ele seria o objeto que canalizaria um turbilhão de emoções e sentimentos. Possa ser esse o fato de tantos corações infelizes, como canta a Úrsula na música citada anteriormente, onde se dá pelo fato das pessoas depositarem tanta fé em alguém sem antes sequer conhecê-las.

Uma das cenas iniciais em *The Lure* traz as irmãs sereias trabalhando em uma casa de show, sendo expostas ao público como mostra a imagem a seguir:



Figura 7: A Atração

Fonte: Arquivo pessoal

Na época em que *A Sereiazinha* foi escrito, era muito comum casas de prostituições, a semelhança das garotas no filme não se trata de uma mera coincidência.

Os meretrícios mais prestigiados tinham a fama de organizarem grandes espetáculos com a exploração dos dons artísticos de muitas de suas prostitutas. Ao longo do tempo, esse tipo de proximidade entre a prostituição e a arte acabou estigmatizando a carreira artística de várias mulheres que nada tinham a ver com esse tipo de atividade. Ainda hoje, muitas pessoas se questionam sobre a moral dos

artistas de seu tempo e voltam sua atenção para aqueles que transgridem regras sociais. (SOUSA, 2010)⁴

Mostrar algo que era tão presente naquela época, e ao mesmo tempo tão atual. A figura 7 reflete muito além de simples prostitutas, a junção com o ser mitológico, faz pensar sobre uma visão que podia se ter sobre as meretrizes. As mulheres que encantavam os homens casados e os seduziam para “perdição” e o pecado, lembra muito sobre o mito das sereias que naufragava embarcações com a sua voz e a sua beleza.



Figura 8: A Bruxa do Mar

Fonte: Arquivo pessoal

Na figura 8 pode-se ver um rapaz segurando um cigarro. Esta imagem que traz consigo algumas mensagens; primeiro, o rapaz representa o que seria a Bruxa do Mar, no filme ele não possui contato com a sereia loira, entretanto, ao chegar no bar ela já comenta sobre ele dizendo não ser boa companhia, deixando claro que já o conhece e teve algum contato antes. Sua irmã vai ao encontro do jovem e, nesse momento, ele fala sobre a situação da pequena sereia.

– Já sei a que vens – disse a bruxa do mar. – É uma grande asneira o que pretendes! De qualquer modo, será feita a tua vontade, mas só te trará infelicidade, minha linda princesinha. Queres libertar-te da cauda de peixe e substituí-la por dois apêndices para andares como os homens e tudo isso para que o príncipezinho se enamore de ti, o possas ter só para ti e venhas ainda a alcançar uma alma imortal! (ANDERSEN, 2012, p. 186)

⁴ Texto completo sobre A Prostituição no Século XIX, por Rainer Sousa disponível em: <<https://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/a-prostituicao-no-seculo-xix.htm>> Acessado em 24/05/2018.

Ele fala como se soubesse tudo o que estava se passando e alerta que jovem sereia não seria feliz na sua busca. O segundo ponto intrigante é que ao longo do diálogo ele segue mostrando o cigarro à jovem, enquanto comenta que a vida de sua irmã está se acabando, que assim como aquilo que ele tem em suas mãos, que embora lhe proporcione algum prazer, ele sabe que em breve poderá matá-lo. Da mesma forma como a pequena sereia, que certa de sua escolha, acabara de entrar em uma estrada sem volta.



Figura 9 e 10: A Perdição

Fonte: Arquivo pessoal

Nas figuras 9 e 10 encontra-se uma das partes mais claras presentes no filme em comparação a obra de Andersen.

Se não conseguires o amor do príncipe, de modo que, por ti, ele possa esquecer pai e mãe e tu sejas o seu único pensamento e um sacerdote venha unir as vossas mãos, também não alcançarás uma alma imortal! Na manhã seguinte a ter-se casado com outra, o teu coração quebrar-se-á e transformar-te-ás em espuma do mar. (ANDERSEN, 2012, p. 187)

Sabendo da situação em que a irmã se encontra, e prestes a perdê-la, a única saída seria matar o rapaz por quem a sereiazinha havia se apaixonado. Nesse exato momento, pode-se ver a maquiagem preta nos olhos da Silver em referência ao tempo que ela passou cega diante de tudo que estava acontecendo, onde só agora passa a enxergar a real situação em que a sua irmã se encontra que, por outro lado, ao fundo a luz vermelha refletindo o próprio inferno, a perdição, o pecado em amar.

Por se tratar de uma obra que busca manter um tom de realidade, tirando fatos fantásticos, como na cena a seguir por exemplo:



Figura 11: Minhas novas... como se chama? Ah, pernas!

Fonte: Arquivo pessoal

Sem fugir da ficção, a figura 11, mostra o momento na sala de cirurgia, diferentemente de todas as obras mais conhecidas baseadas no clássico de Andersen onde sempre a sereia era coberta pela mágica da Bruxa do Mar. Sendo assim, tal qual na vida real, qual algo não está agrando no corpo, é na sala de cirurgia que se pode resolver. Entretanto, nem sempre seja preciso.



Figura 12 e 13: Operação

Fonte: Arquivo pessoal

Enquanto a sereia tinha a sua cauda cortada, ela cantava, e aos poucos perdia a sua voz. Na obra de Andersen mantendo um tom mais macabro do que os clássicos popularmente conhecidos, a sereia tem a sua língua cortada, e nas imagens acima faz o telespectador refletir sobre a mensagem, não foi a mágica que tirou a sua voz, foi o corte da cauda, assim como o corte da língua.

– Aqui a tens – disse a bruxa, e logo em seguida cortou a língua à sereiazinha, que ficou, assim, completamente muda, sem poder cantar nem falar. – Se os pólipos te agarrarem quando fores a atravessar o meu bosque – continuou a bruxa –, atira-lhes umas gotinhas, que logo ficarão com os braços e os dedos feitos em mil pedaços. (ANDERSEN, 2012, p. 188)

Como em outras histórias, Sansão e Dalila, por exemplo, onde o herói perde a sua força ao ter suas tranças cortadas, ou as famosas Moiras na mitologia grega que teciam o fio da vida. Em uma parte, a cauda perfeita, a pele linda, na outra, remendos. O corte foi muito mais além do que a busca pelo amor, foi sua própria sentença de morte.



Figura 14: 10 Facadas

Fonte: Arquivo pessoal

A figura 14 traz consigo um exímio modelo do que acontece nos dias atuais, em muitos casos. A jovem sacrificou toda a sua vida para obter o amor, ou aquilo que para ela seria o amor. Em outros tempos a mulher estava ligada através da sua virgindade, o fato de uma mulher ser virgem era tido como mérito de honra e pureza, entregar aquilo que tinha de mais precioso para um homem era entregar-se por completo, pois somente um homem a honraria e a lhe protegeria, sem a virgindade era tida como profana, sem valor algum.

A tua cauda separar-se-á do corpo e contrair-se-á naquilo que os homens denominam umas pernas encantadoras, mas isso produzir-te-á dores horríveis, como se te trespassasse uma espada aguçada. Todos os que te contemplarem dirão que jamais viram um ser humano tão belo como tu. Conservarás o teu andar

ondulante que nenhuma bailarina saberá igualar, mas por cada passo que deres será como se pisasses uma faca afiada que te fizesse sangrar. Se és capaz de sofrer tudo isto, ajudar-te-ei. (ANDERSEN, 2012, p. 186-187)

Nessa cena, eles têm a sua primeira vez, desde que a sereia passou a ter pernas humanas. Diferentemente da obra de Andersen citada anteriormente, ela não sentia a dor de uma espada, essa dor havia sido um signo para resignar a dor do rompimento do hímen, embora o sangue em suas mãos fosse do corte da cirurgia, nesse momento estava sendo refletido a perda da “pureza” da mulher em suas mãos. Ele que antes caía de amores por ela, depois que teve o que queria, acabara de perder o encanto, largando-a para se casar com outra.



Figura 15: Espumas do Mar

Fonte: Arquivo pessoal

Abdicar da própria vida, aquilo que a Disney não mostrou, a real mensagem que Andersen buscou levar aos seus leitores naquela época, trazendo essa reflexão na história. Mesmo sendo ela uma criatura selvagem, desconhecida até então, mostrou-se capaz de amar sem medir esforços.

Finalmente voltou a fixar os olhos turvados no príncipe e lançou-se ao mar, onde sentiu o corpo a desfazer-se em espuma. Logo depois, rompeu o Sol, projectando suavemente os raios quentes na espuma fria de morte. A sereiazinha não sentiu que morria, via o Sol brilhante [...] (ANDERSEN, 2012, p. 195)

A imagem acima mostra a serenidade no olhar da sereiazinha, com isso pode-se perceber o quanto ela estava em paz consigo mesma, mesmo no momento de sua morte. Nessa imagem, percebe-se que mesmo a mais feroz das feras é capaz de demonstrar afeto; onde ela demonstrou ao

longo da história sua capacidade em amar e mesmo tendo a oportunidade de se manter viva, caso tirasse a vida do rapaz, ela preferiu morrer a cometer tal atrocidade com aquele que um dia ela amou.

A sereiazinha ergueu o braço translúcido para o Sol, radiosa criação de Deus, e, pela primeira vez, sentiu correr as lágrimas. Ao navio voltara novamente a vida e o bulício. Viu que o príncipe e a linda noiva a procuravam, olhando tristemente para a espuma borbulhante, como se adivinhassem que se tinha atirado às ondas. Invisível, beijou a testa da noiva, sorriu para o príncipe e subiu com as outras Filhas do Ar nas nuvens róseas que pairavam no céu. (ANDERSEN, 2012, p. 196)

Diferentemente da obra traduzida citada, o final em *The Lure* não foi tão leve; a sereia virou espumas do mar, sua irmã matou o jovem em fúria pela perda da irmã e regressou ao mar sozinha. A obra televisiva de Agnieszka Smoczyńska mostra um outro lado do ser humano, trazendo grandes reflexões sobre a vida e os sacrifícios por amor. E ainda demonstra que, através de seus personagens dando sentido aos signos deixados ao decorrer da obra no intuito de dar matéria, tornar o sentimento “amor” em um objeto que possa ser presenciado, visto e sentido através da recriação televisiva baseada no conto de Andersen.

5 CONCLUSÃO

Pela observação dos aspectos analisados é imprescindível que todos se conscientizem de que o objetivo deste trabalho foi realizar uma análise indicial entre diferentes textos vindos de diferentes meios de comunicações, onde o primeiro se trata de um conto adaptado para o português, da obra original de Hans Christian Andersen, que, entretanto, este possui sinais típicos de obras góticas, tais qual o romance intenso, a ganancia da personagem principal, a loucura que a levou a métodos extremos para obter o seu propósito em querer concretizar seu desejo de conseguir o amor do príncipe, entre outros, que vão desviando o leitor a mudar seu pensamento e refletir sobre o seu real gênero. Por outro lado, temos o filme *The Lure*, filme de terror/musical, que conta a história vivida pelas irmãs Golden e Silver, duas sereias que resolver visitar os seres humanos, onde Golden, uma das irmãs, desenvolve um amor por um músico e assim busca a todo custo ter o seu final feliz ao lado daquele que ama.

O primeiro passo do trabalho foi identificar ambas as obras e seus autores, mostrar ao leitor sobre o que se trata cada uma delas, e suas fortes referências em fatos reais. E ao longo deste, foi discutido referências que mostraram os signos que se refletem na obra fílmica baseada no texto de Andersen. Fazendo o telespectador refletir sobre as imagens, buscar se fazer entender através de signos. Lançar as palavras e esperar que alguém as compreenda, as materialize em um objeto que faça se compreender para aqueles que não acreditam naquilo que não pode ver e sentir. Nesse devir de fazer-se ter sentido e fazer ser compreendido, observa-se que a figura “amor” tomou-se um signo resignando em o mar como o seu objeto correspondente, uma espécie de matéria para aquilo que não pode tocar, já dizia Bonetti (2007, p. 49), “*Signo é tudo aquilo que é capaz de representar alguma coisa*”, e o que mais representaria esse sentimento para Andersen do que se não o próprio mar.

A obra da sereiazinha considerada para muitos um clássico da literatura infantil, graças as suas diversas adaptações, é nada mais do que resquícios deixados por Hans Christian Andersen ao longo da sua vida, os quais perpassaram de gerações em gerações até ter os relatos escritos dos dias atuais. Sua mensagem, conclui-se através deste, que vai muito além do que uma simples história para crianças dormirem, pois Andersen mostra para o seu público a real natureza do homem, ou alguns tipos de homens, da sua época. Onde na vida nada foi fácil para mulher, e a jovem sereia mostra isso muito bem.

Entretanto, mesmo sem medir os esforços e mostrando toda a sua trajetória, apresenta por outro lado esse homem que se mostrou um verdadeiro príncipe, mas que ao final revelou seus

verdadeiros interesses; a série reflete, até os dias atuais, relacionamentos abusivos, mulheres que são violentadas e largadas na rua. Violência que acontece com seus próprios maridos dentro de suas casas, pessoas que antes eram puro amor, mas depois mudam de face tão rápido quanto trocam de roupa.

Como as mulheres daquela época, ela tinha uma voz, mas que uma vez que buscou lutar por seus ideais, ela rapidamente a perdeu, foi calada. Como mostravam que deveria ser uma mulher daquela época, sem voz, apenas usar a linguagem do corpo, feita para reproduzir, calar, acenar, obedecer. Não importava se era uma princesa, nada lhe valia se ela não tivesse o amor e a presença de um homem para lhe representar.

Agnieszka Smoczyńska retrata com maestria a mensagem de Andersen. A mulher apresentada como ser mitológico, desconhecido, pouco acessível, ou quase nunca. Uma verdadeira fera, guardando para si seu encanto, o poder da sua voz, o medo que todos tinham caso ela se fizesse ser ouvida, até porque metaforicamente, se ela possuísse a voz, no conto, bastava ela cantar e teria o que queria.

Por fim, pode-se concluir que entre ambos os signos, literário e audiovisual, eles remetem à vida real, a fatos e casos que são tão presentes na época de Andersen, no século XIX, quanto nos dias atuais. Pois, enquanto ela, como sereia, fera selvagem sem conhecer a língua dos homens, mostrou sua capacidade em amar e ainda assim podendo salvar-se, preferiu perder a vida a ter que fazê-lo. Do outro lado a figura que se assemelha a tantos, o homem (que pode ser homem ou mulher), que usa e abusa daqueles que demonstram o amar, e os torna fracos, descartáveis, revelando que a fera não são as criaturas desconhecidas do mar; as feras são os próprios seres racionais que sabem que estão vivendo para seus objetivos mesquinhos, massacrando e humilhando; aqueles que se tornaram fracos devido a busca em se fazer notar seus sentimentos, deixando-os como objetos descartáveis, que assim como a sereia, tira o seu mundo aos poucos os fazem perder a voz. Sendo assim, dentro de suas próprias casas devem dar passos leves, pois cada passo é sentido como uma espada atravessando sua pele, até se tornarem nada e assim desaparecerem feito espumas do mar.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. **Os Contos de Hans Christian Andersen**. Portugal, 2012. Disponível em < <http://arquivos.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/16/2013/12/Os-Contos-H-C-Andersen.pdf>> Acesso em: 26. Dez. de 2017.

BONETTI, Marco Antonio. **Reconstrução do espaço na adaptação para o cinema**. Graphos. João Pessoa, v. 9, n. 1, Jan./Jul., 2007.

DISNEY. **Pobres Corações Infelizes**. Disponível em <<https://www.vagalume.com.br/disney/pobres-coracoes-infelizes-a-pequena-sereia.html>> Acesso em: 16. Jan. de 2018.

FERRAZ JUNIOR, Expedito. **Semiótica Aplicada à Linguagem Literária**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Hans Christian Andersen**. Disponível em <https://www.ebiografia.com/hans_christian_andersen/> Acesso em: 16. Jan. de 2018.

Juízes 16. Disponível em <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/jz/16>> Acesso em: 25. Abr. de 2018.

LUCIA. **As Moiras ou Pacas**. Disponível em <<http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2010/07/as-moiras.html>> Acesso em: 25. Abr. de 2018.

NÓTH, Winfred. **Panorama da semiótica de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 1995.

PAULISTA, Marina. **The Lure**. Disponível em <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/atracao/>> Acesso em: 16. Jan. de 2018.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **Semiótica**. (Trad. José Teixeira Coelho). 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. **Semiótica**. (Trad. José Teixeira Coelho). 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2003.

RODRIGUES, Thaís. **Signos/ Semiótica: símbolo, índice e ícone**. 2013. Disponível em <https://pt.slideshare.net/taarodrigues/signos-semitica-smbolo-ndice-e-cone?from_action=save> Acesso em: 24. Mai. de 2018.

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

VASCONCELOS, Clara Mayara de Almeida. **QUANDO POE ENCONTROU PEIRCE NO CINEMA: O MODO DE REPRESENTAÇÃO INDICIAL NA INVESTIGAÇÃO CRIMINAL EM *THE RAVEN* (2012)**. João Pessoa, 2016. Dissertação (Mestrado). UFPB – CCHLA.

FILMOGRAFIA

A Pequena Sereia (série). Direção geral: Jamie Mitchell e Mircea Mantta. Produção: José Broughton. Elenco: Jodi Benson; Edan Gross; Samuel E. Wright; Maurice LaMarche; Kenneth Mars; Danny Cooksey; Jim Cummings; Bradley Pierce; Pat Carroll. Tema de Abertura: “Part of Your World”/“Under the Sea”/“Kiss the Girl”. Estados Unidos: Walt Disney Television Animation, 1993.

A Pequena Sereia II - O Retorno Para O Mar. Direção geral: Jim Kammerud e Brian Smith. Produção: José Broughton. Elenco: Jodi Benson; Samuel E. Wright; Tara Strong; Pat Carroll; Kenneth Mars; Stephen Furst; Rob Paulsen; Kevin McDonald. Estados Unidos: Walt Disney Studio, 2000.

Córki Dancingu (The Lure). Direção geral: Agnieszka Smoczyńska. Produção: Włodzimierz Niderhaus. Elenco: Marta Mazurek; Michalina Olszańska; Kinga Preis; Jakub Gierszał; Andrzej Konopka; Zygmunt Malanowicz; Magdalena Cielecka; Katarzyna Herman; Marcin Kowalczyk; Kaya Kołodziejczyk. Polónia: Telewizja Polska S.A., 2015.